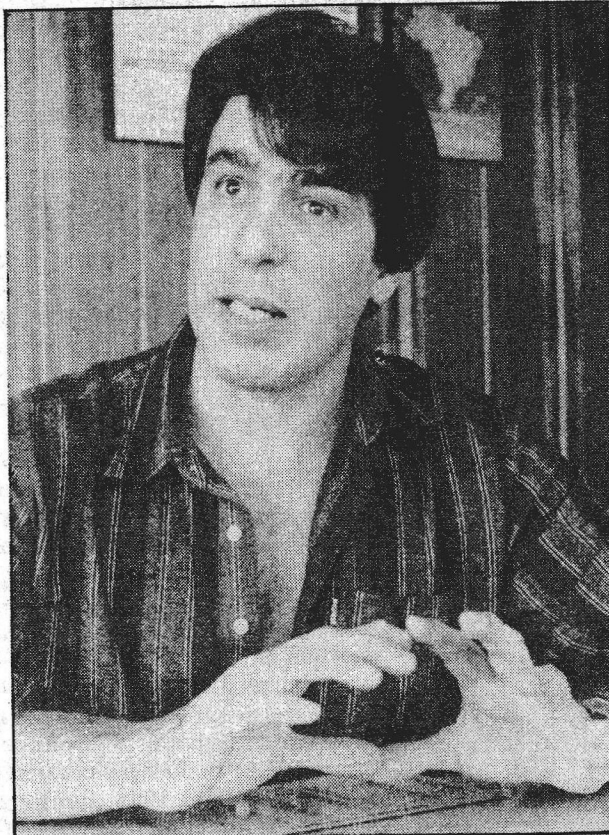


Magri é Collor, mas sem pagar a dívida.

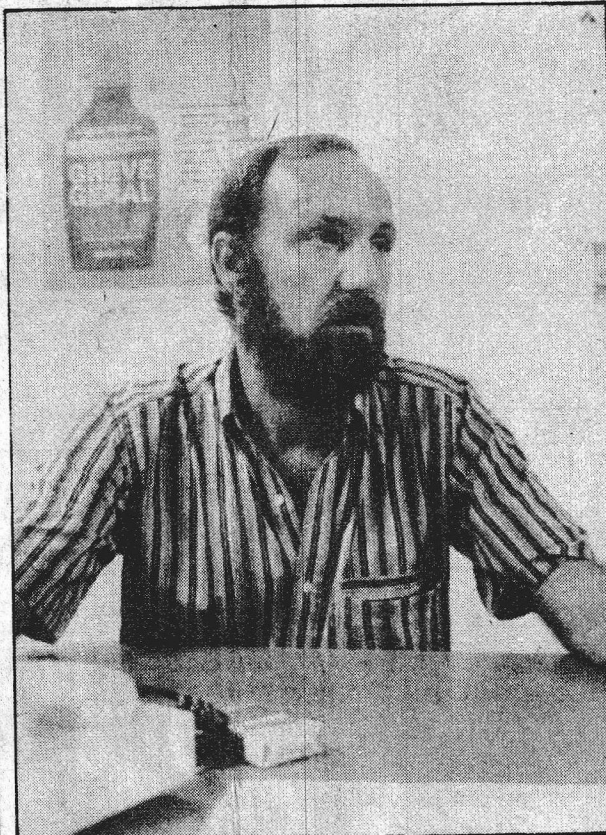
Se Fernando Collor de Mello incluir em seu programa para a Presidência da República a suspensão do pagamento da dívida externa, o resgate das perdas salariais dos trabalhadores e o compromisso com o crescimento econômico, terá renovado no segundo turno das eleições o apoio do presidente da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), Antônio Magri. É o que o sindicalista dirá hoje a Collor, em Brasília. Além disso, Magri vai convocar a Executiva Nacional da CGT esta semana para discutir a possibilidade de a entidade apoiar, oficialmente, o candidato do PRN.

A CGT mudou de posição em relação à dívida externa, passando da proposta de renegociação com os credores à exigência de suspensão do pagamento, como quer o petista Luiz Inácio Lula da Silva. Magri reconhece que o programa de Lula é progressista a avançar bastante nas questões sociais, mas considera que Collor “representa o novo e a virada de página contra as elites brasileiras”. Aliás, o líder da CGT também exigirá hoje do vencedor do primeiro turno que — caso seja eleito — “devolva o que foi roubado dos trabalhadores”, recompondo as perdas salariais e estimulando o crescimento econômico. Assim, o País ganhará maior estabilidade, “e poderá ficar livre das agitações da classe operária”.

Propostas semelhantes sempre foram defendidas pela Central Única de Trabalhadores (CUT), segundo seu presidente, Jair Meneguelli, grande cabo eleitoral de Lula no primeiro turno. Este apoio poderá agora ser de toda a entidade — que representa cerca de 18 milhões de trabalhadores



Magri já não defende a renegociação



Para Meneguelli, Collor é “continuista”.

—, se for aprovado pela Executiva Nacional. Para Meneguelli, é impossível fechar qualquer acordo com Collor, pois ele representará o continuísmo do governo atual.

Se Lula for o vencedor, também não terá trégua dos trabalhadores, que exigirão cumprimento dos compromissos assumidos com a classe operária, como a conquista de um salário mínimo decente. “É claro que para que esse patamar desejável seja atingido, os trabalhadores darão um prazo mínimo para o novo presidente, e esse prazo terá que ser respeitado, pois estamos cansados de esperar”, disse Meneguelli.

Quanto à possibilidade de surgirem novas greves do período eleitoral até a posse, “elas existirão se forem uma imposição dos trabalhadores”, garantiu o líder da CUT.

Já o presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos, Luiz Antônio de Medeiros, que apoiou Mário Covas no primeiro turno, ainda está indeciso para o segundo. Ele só tem uma certeza: Collor é um candidato “mais moderno e progressista” do que Lula, que quer implantar no Brasil “uma espécie de Albânia” (país que tem um dos regimes comunistas mais fechados do mundo).

Na opinião do presidente do

Sindicato dos Bancários de São Paulo, Gilmar Carneiro dos Santos, a primeira providência do novo presidente deve ser “desaquecer” a inflação — mas não por congelamento de preços — e redimensionar as prioridades de investimentos, com ênfase para a área social e para o crescimento econômico. Ele também é contra o pagamento da dívida externa.

O serviço público vai ter que funcionar com eficiência, e os sindicatos deverão contribuir para isso, segundo Gilmar. E as estatais têm que começar a produzir. “Só sobrevive quem tem competência”, diz ele.

Barbara Oliveira